

# “BECOS DE GOIÁS”: UMA ANÁLISE LITERÁRIA E INTERCULTURAL DO POEMA DE CORA CORALINA

“BECOS DE GOIÁS”: A LITERARY AND INTERCULTURAL ANALYSIS OF THE CORA CORALINA POEM

Sanderson Mendanha Peixoto<sup>4</sup>

Ebe Maria de Lima Siqueira<sup>5</sup>

**RESUMO:** Esta investigação tem o propósito de analisar, do ponto de vista literário e intercultural, o poema “Becos de Goiás” de Cora Coralina. Escritora que teve sua formação cultural na cidade de Goiás, Cora utiliza-se de sua lírica para fazer uma reflexão acerca das condições do homem comum, da presença do coronelismo e do machismo/misoginia na pequena Vila Boa, do pouco espaço da mulher na sociedade, da materialização da memória na Casa Velha da Ponte e dos seres sociais mais humildes, resgatando, sempre que possível, traços espaciais da sua cidade, com seus becos, casas conjugadas, ruas de pedra e arquitetura colonial (BRITO, 2009; SIQUEIRA, 2016; VELASCO, 1990). Tendo como referencial o fato de que de que vivemos em uma sociedade definida pela multiplicidade de culturas e modos distintos de percepções da realidade e do mundo (NUNES, 2011), objetivamos demonstrar como o espaço destes becos, casas e ruas de Goiás dão instrumentos poéticos à Cora Coralina para apreender a humanidade em seus versos e recriar o fazer literário com elementos verossímeis e próximos do indivíduo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cidade de Goiás; Memória; Espaço.

**ABSTRACT:** This research aims to analyze, from a literary and intercultural point of view, the poem "Becos de Goiás" by Cora Coralina. A writer who had her cultural background in the city of Goiás, Cora used her lyric to reflect on the conditions of the common man, the presence of coronelism and chauvinism / misogyny in the small Vila Boa, the little space of women in society, of the materialization of memory in the Old House of the Bridge and of the humblest social beings, rescuing, whenever possible, spatial traces of its city, with its alleys, conjugated

<sup>4</sup>Mestrando em Língua, Literatura e Interculturalidade na Universidade Estadual de Goiás - Brasil. E-mail: [sandersonmendanha@yahoo.com.br](mailto:sandersonmendanha@yahoo.com.br)

<sup>5</sup> Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás – Brasil. Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás – Brasil. Professora do Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade Universidade Estadual de Goiás - Brasil. E-mail: [ebelimasiqueira@gmail.com](mailto:ebelimasiqueira@gmail.com)

houses, stone streets and colonial architecture (BRITO, 2009; VELASCO, 1990). Taking as reference the fact that we live in a society defined by the multiplicity of cultures and different ways of perception of reality and the world (NUNES, 2011), we aim to demonstrate how the space of these alleys, houses and streets of Goiás give poetic instruments to Cora Coralina to apprehend humanity in her verses and to recreate the literary work with elements that are believable and close to the individual.

**KEYWORDS:** City of Goiás; Memory; Space.

## 1. INTRODUÇÃO

O poema “Becos de Goiás” faz parte da obra *Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais*, da poeta vilaboense Cora Coralina, primeiramente publicado em 1965 (VELASCO, 1990). A autora em apreço nasceu na cidade de Goiás, em 1889, tendo iniciado sua história no campo da literatura, aos 14 anos de idade, quando da publicação do conto “Tragédia na roça” em 1910, no *Anuário de História e Geografia do Estado de Goiás*, sob coordenação do professor Francisco Ferreira dos Santos Azevedo (CORALINA, 2001).

Com características fortemente modernistas, Cora Coralina se destaca pelas reminiscências da cidade de Goiás, no final do século XIX e início do século XX, pela narrativa poética de suas experiências de “menina feia da ponte da lapa”, pela oportunidade de externar liricamente a dor de um “eu” abandonado em um mundo misógino e desigual e pelas fotografias retratadas, literariamente, das pessoas mais oprimidas da nossa sociedade.

Com suas reflexões sobre a vida e suas vicissitudes, Cora Coralina retrata as discontinuidades e a fragmentação do homem moderno, servindo-se do poder da arte literária. Esta, que tem a capacidade de abrandar, ainda que temporariamente, nossos sentimentos de ruptura e imperfeição, possui como característica a geração de indagações e aflições, pois não é capaz de nos trazer respostas simples e herméticas para os problemas do homem, porém tem o potencial de fomentar mudanças de atitudes e de enfrentamento das dificuldades existenciais (MORAES, 2010).

Sob este viés, a poeta Cora Coralina escreve, em forma de poesia, sobre a história da sua terra, do seu povo, trazendo os traços culturais da cidade de Goiás, como parte da sua criação. Cria e recria os espaços da cidade, mesclando cenas de materialidade e imaterialidade e rememorando fazeres, conhecimentos, ações de uma sociedade na sua coletividade (PASINI; GRACIOLLI; MORAES; PROCHNOW, 2011).

Daí, verifica-se uma produção intercultural desta poetisa, uma vez que a arte poética preserva a memória e a cultura de um povo. Há indivíduos como seres sociais que se constroem, na constante relação com o outro, trazendo a baila a comunicação reiterada entre as variadas culturas e as pessoas transformadas em seres interculturais, ou seja, capazes de fomentar diálogos com o outro, que também faz parte da sociedade que ele vive, mas possui seus próprios valores, suas formas de percepção da realidade e do mundo (MOÇO, 2011).

Assim, “Becos de Goiás”, mais do que um poema em versos livres sobre um local da cidade de Goiás, é uma materialização da memória de um espaço como “ação criativa/criadora da sociedade” (BORBA, 1999, p.72). A memória poética preserva a visão mimética deste espaço e nos faz meditar sobre a condição do indivíduo que o habita, numa perspectiva cultural e existencial.

## **2. NOS “BECOS DE GOIÁS”: LITERARIEDADE E INTERCULTURALIDADE EM QUESTÃO**

A cidade de Goiás, antiga Vila Boa, é permanentemente descrita por Cora Coralina, em seus versos. A autora coloca os indivíduos em contato constante com os elementos naturais, seja ao observar as belezas dos riachos cristalinos e sua singular vegetação, suas ruas irregulares e de pedras, suas ruas íngremes e tortuosas e os mistérios de seus becos. Neste processo de

criação e recriação, há uma simbiose com o processo histórico de formação da cidade mais antiga do Estado, em meio aos muros de pedras que foram construídos pelos escravos em concomitância com o processo de extração das riquezas do ouro (CORALINA, 2001).

Em primeira pessoa, a poetisa expõe seu amor pelos “becos” de Goiás, ressaltando seus adjetivos antitéticos:

Beco da minha terra...  
Amo tua paisagem triste, ausente e suja.  
Teu ar sombrio. Tua velha umidade andrajosa.  
Teu lodo negro, esverdeado, escorregadio.  
E a réstia de sol que ao meio-dia desce, fugidia,  
e semeia polmes dourados no teu lixo pobre,  
calçando de ouro a sandália velha,  
jogada no teu monturo.  
Amo a prantina silenciosa do teu fio de água,  
descendo de quintais escusos  
sem pressa,  
e se sumindo depressa na brecha de um velho cano.  
Amo a avenca delicada que renasce  
na frincha de teus muros empenados,  
e a plantinha desvalida, de caule mole  
que se defende, viceja e floresce  
no agasalho de tua sombra úmida e calada (...)  
(CORALINA, 2003, p. 92)

Mesmo na alegria de desenhar liricamente o espaço da sua terra natal, a poetisa se vê num momento de oscilações entre a euforia e a melancolia, ao observar a tristeza, a ausência e a sujeira da paisagem dos becos de Goiás. Realça suas características fugidias, o tom encardido do lodo que se forma nos muros e no chão, o silêncio impregnado de um canto para o outro e a invalidez das plantas que ali nascem.

De acordo com Silva (2006, p. 3),

Os três adjetivos fortes e independentes ligados à paisagem dão a ela uma conotação especial. O primeiro e o último adjetivo, “triste” e “suja”, refere-se à condição de miséria encontrada no beco, estendida a seus moradores em sentidos diferentes: reforçam a condição da miséria humana, física e a que implica em perda da dignidade. A condição do sujeito diante da vida. Ele caminha sempre em direção de sua autodestruição. A miséria nunca vem só, com ela vem à dor, o amadurecimento precoce, a doença, a humilhação e a morte. É por isso que nos becos tem “poesia e drama”, pois “versos não são sentimentos, mas experiências”, presenciadas e/ou vivenciadas. Lembranças esquecidas na memória que brotam e são recriadas em palavras. O segundo adjetivo, “ausente”, remete-se à temporalidade e à falta, à paisagem de outrora que não existe mais. Inconfundível com a do presente, mas em condições semelhantes de degradação humana, diante de uma realidade sórdida. A imagem passada está sempre intermediada pelo presente. Um presente que transcorre dentro de uma monotonia, dissipada de emoções palpitantes. São imagens pontuadas pelo sombrio, constante nas quatro primeiras estrofes. As seis últimas estrofes constam cenas de lembranças passadas, em ritmo mais acelerado, ações, acontecimentos e estórias.

Como se pode ver, a leitura do espaço do beco como uma localidade abandonada, na verdade se revela como um abandono do próprio “ser” homem. Na imundície dos becos sujos e tristes, o eu lírico constrói a imagem do interior da poeta, da sua forma de enxergar a vida e suas desigualdades, e a condição de infortúnio e pobreza do indivíduo.

Ao retratar a frieza e o sentimento de ausência nos becos, na verdade a poeta dialoga com os poetas da modernidade, quando se propõe, esteticamente, a explicar a sociedade individualista e capitalista da qual fazemos parte. Mesmo numa cidade pequena e pacata como Goiás, se percebe o roteiro e as separações impostas por um sistema econômico baseado na divisão de classes e na exposição exacerbada das diferenças (MENEGUSSO, 2012; VELASCO, 1990).

Os personagens escolhidos por Cora, que habitam e perpassam pelos becos, causam no eu-lírico uma sensação de acolhimento, amor, mas também de impotência:

Amo esses burros-de-lenha  
que passam pelos becos antigos. Burrinhos dos morros,  
secos, lanzudos, malzelados, cansados, pisados.  
Arrochados na sua carga, sabidos, procurando a sombra,  
no range-range das cangalhas.

E aquele menino, lenheiro ele, salvo seja.  
Sem infância, sem idade.  
Franzino, maltrapilho,  
pequeno para ser homem,  
forte para ser criança.  
Ser indefeso, indefinido, que só se vê na minha cidade.

Amo e canto com ternura  
todo o errado da minha terra.

Becos da minha terra,  
discriminados e humildes,  
lembrando passadas eras...

Beco do Cisco.  
Beco do Cotovelo.  
Beco do Antônio Gomes.  
Beco das Taquaras.  
Beco do Seminário.  
Bequinho da Escola.  
Beco do Ouro Fino.  
Beco da Cachoeira Grande.  
Beco da Calabrote.  
Beco do Mingu.  
Beco da Vila Rica.

Conto a estória dos becos,  
dos becos da minha terra,  
suspeitos... mal afamados  
onde família de conceito não passava.  
“Lugar de gentinha” - diziam, virando a cara.  
De gente do pote d’água.  
De gente de pé no chão.  
Becos de mulher perdida.  
Becos de mulheres da vida.  
Renegadas, confinadas  
na sombra triste do beco.  
Quarto de porta e janela.  
Prostituta anemiada,

solitária, hética, engalicada,  
tossindo, escarrando sangue  
na umidade suja do beco (...)

(CORA CORALINA, 2003, p. 93).

Ao evidenciar as adjetivações entre verbos no particípio como em “malzelados”, “cansados”, “pisados”, “arrochados”, “sabidos”, o eu-lírico encontra nos becos figuras sem representatividade como os animais, as crianças abandonadas, meninos sem futuro e as “mulheres da vida”.

O poeta moderno, como ressalta Menegusso (2012), percebe, nesta toada, uma desestabilização do homem mediante a maquinização das relações humanas, tão baseadas no sistema de produção onde vigoram os mais abastados. Ainda que o indivíduo perceba as virtudes da tecnologia e do crescimento econômico nas cidades, o poeta não deixa de mencionar, por outro lado, a privação da liberdade do homem, servo das máquinas, do trabalho acelerado, do desejo pelo lucro e pela produtividade, o que acaba gerando espaço para discriminação dos mais desvalidos, como as crianças sem família e as prostitutas.

Num processo de criação de anáfora, na utilização do substantivo “beco” em vários momentos da sétima estrofe, os “becos” ganham nomes diversos, para realçar suas características ignóbeis. A autora traz também as mulheres prostituídas para conotar com o sentimento de pecado, imundície e indecência dos becos. Mulheres que habitam e frequentam os becos nas horas mais impróprias, ratificando suas condições de humilhação, enxovalho e inferiorização (BRITO, 2007; SIQUEIRA, 2016; VELASCO, 1990). Os becos traduzem-se em espaços naturais dos “dejetos” sociais que permeiam o imaginário humano local. As pessoas que carregam potes de água e trabalham com dificuldades fazem parte dos signos culturais de um determinado tempo, de uma época. Os becos, ao mesmo tempo que percebidos como ambientes de marasmo e tristeza, se reconfiguram para trazer a tona a condição das

“mulheres perdidas”, na linguagem popular caracterizadas como “gentinha”, numa conjuntura de desigualdades sociais muito evidentes (SILVA, 2006).

Em termos interculturais, observa-se, assim como o homem, que a poesia surge de uma construção social, ou seja, das crenças do escritor(a) em torno de suas habilidades e formas de encarar o mundo e suas práticas. O eu-lírico traz, implicitamente, seus sentimentos, suas vivências, num processo de apropriação da linguagem, que é uma ferramenta histórica com significados vinculados à cultura humana, exercendo, desta feita, uma mediação entre a história do homem, suas experiências e convívios sociais (ANDRADE; GIROTTI, 2016; LEONTIEV, 1978).

Cora Coralina fez parte da cultura de Goiás e, embora tenha permanecido fora da cidade por 45 anos, seu retorno foi marcado por discriminações e olhares preconceituosos, da “menina feia da ponte da lapa” que deixara a cidade, grávida e em companhia de um homem desquitado (SIQUEIRA, 2016). As percepções sobre os becos, tão mal afamados e assombrados, são reflexos de uma auto-revelação, de um ser que se enxergava na presença daquela imundície, por ter sido considerada, em determinado momento de sua vida, um ser também imundo:

Becos mal assombrados.  
Becos de assombração...  
Altas horas, mortas horas...  
Capitão-mor, alma penada,  
terror dos soldados, castigado nas armas.  
Capitão-mor, alma penada,  
num cavalo ferrado,  
chispando fogo,  
descendo e subindo o beco,  
comandando o quadrado - feixe de varas...  
Arrastando espada, tinindo esporas...

Mulher-dama. Mulheres da vida,  
perdidas,  
começavam em boas casas, depois,  
baixavam pra o beco.  
Queriam alegria. Faziam bailaricos.

- Baile Sifilítico - era ele assim chamado.  
 O delegado-chefe de Polícia - brabeza -  
 dava em cima...  
 Mandava sem dó, na peia.  
 No dia seguinte, coitadas,  
 cabeça raspada a navalha,  
 obrigadas a capinar o Largo do Chafariz,  
 na frente da Cadeia.

Becos da minha terra...  
 Becos de assombração.  
 Românticos, pecaminosos...  
 Têm poesia e têm drama.  
 O drama da mulher da vida, antiga,  
 humilhada, malsinada.  
 Meretriz venérea,  
 desprezada, mesentérica, exangue.  
 Cabeça raspada a navalha,  
 castigada a palmatória,  
 capinando o largo,  
 chorando. Golfando sangue (...)

(CORA CORALINA, 2003, p. 94).

Silva (2006) pondera que Cora Coralina faz este percurso pelos becos da cidade de Goiás, num delineamento poético-descritivo, como locais chancelados pela cultura e pela história. Na representação, ora mimética, ora fragmentada destes espaços, a autora recupera fatos e memórias de seu povo, num misto de experiências humanas e práticas sociais baseadas em crenças e saberes culturais, socialmente transformados pelo tempo e pelas épocas, e pelas concepções do que é “certo” e “errado” numa sociedade tão marcada por valores e tabus. Trata-se de vivências mantidas nas reminiscências da autora, cuja finalidade é robustecer seu construto poético de fatos e acontecimentos que abalizaram um certo momento do processo histórico-social, cuja realidade é agora enfrentada de modo subjetivo, sob o manto da literariedade.

Mesmo numa cidade histórica, pequena e rodeada por morros, Cora percebeu, no seu interior, a presença do indivíduo moderno, marcado por seu caráter narcisista, individualista e constantemente influenciado pelas rápidas

transformações proporcionadas pelo sistema capitalista. É um homem adepto do niilismo, perturbado pelas sensações da fragmentação do sujeito, da angústia existencial, em busca de uma descoberta definitiva. Um indivíduo marcado pelos maus tratos da sociedade, pelo consumismo, pela insignificância das relações humanas e pelo constante conflito do homem com sua própria identidade (MENEGUSSO, 2012; SILVA, 2004).

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir da análise empreendida do poema “Becos de Goiás”, de Cora Coralina, numa perspectiva literária e intercultural, pudemos evidenciar que a autora em questão tenta se traduzir em seus versos, num esforço de utilizar a escrita poética como um instrumento de empoderamento e libertação social.

Como afirmou Carlos Drummond de Andrade (Jornal do Brasil, cad. 27-12-80), Cora era um ser geral, dona de um coração imensurável, ofertado a tantos seres que são as razões de seu fazer poético: “o menor abandonado, o pequeno delinquente, o presidiário, a mulher da vida” (CORA CORALINA, 2003, p. 09).

Ainda que tenha observado e examinado os becos da sua cidade, suas imperfeições, sujeiras, tristezas e desencantos, a autora não abandona sua intenção maior que é de enxergar na literatura um modo de fazer as pessoas refletirem sobre a condição existencial e usar a história e a memória como ferramentas de transformações e questionamentos.

### **REFERÊNCIAS**

ANDRADE, Fabíola Fernandes Andrade; GIROTTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões. Reflexão sobre a importância da leitura literária para a formação de crianças produtoras de texto. *Revista Lugares de Educação [RLE]*, Bananeiras-PB, v. 6, n. 12, p.42-62, Jan.-Jul., 2016

BORBA, Odiones Fátima. Cidade de Goiás: formas urbanas e redefinição de usos. *Temporis(Ação)*, Goiás, v.1, n.3, jun. 1999.

BRITO, Clóvis Carvalho. *Lembranças de mulher: literatura, história e sociedade em Cora Coralina*. OPSIS, vol. 7, nº 9, jul-dez. 2007.

CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. 9.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006. 199 p.

CORALINA, Cora. *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha*. 7.ed. São Paulo: Global, 2001.

\_\_\_\_\_. *Poema dos becos de Goiás e estórias mais*. São Paulo: Global, 2003.

LEONTIEV, A.O *desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

MENEGUSSO, Gustavo. *O duplo Narciso: o herói da modernidade em o Retrato de Dorian Gray, de Oscar Wilde e Esfinge, de Coelho Neto*. Mestrado em Letras da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Campus de Frederico Westphalen. (Dissertação). 126 f. Frederico Westphalen, Rio Grande do Sul, 2012.

MOÇO, Mafalda. *O texto literário como veículo de diálogo intercultural no ensino/aprendizagem da língua portuguesa*. Mestrado em Cultura e Língua Portuguesa. (Dissertação). 103f. Faculdade de Letras, Lisboa, Portugal, 2011.

MORAES, Isabella Ligia. *A literatura e seu poder de resgate da totalidade humana*. PUC-Minas, 2009.

NUNES, Flaviana Gasparotti. Interculturalidade e o papel da escola na atualidade: reflexões a partir do filme Entre os muros da escola. *Pro-Posições*[online]. v. 22, n.3, 2011.

PASINI, Carlos Giovanni Delevati; GRACIOLLI, Nilta de Fátima Hundertmark; MORAES, Ana Paula Colares Flores; PROCHNOW, Ana Lúcia Chelotti. *Educação intercultural e literatura: contribuições de diálogos literários em cafezinhos poéticos, para a construção da consciência libertadora*. X Congresso Nacional de Educação (EDUCERE), Paraná, Curitiba, 2011.

SIQUEIRA, Ebe Maria de Lima. Estudos sobre Cora Coralina: vida, obra e fortuna crítica. In: LUZ, Regina Maria Emos da; SIQUEIRA, Ebe Maria de Lima. *Escola, Comunidade e Universidade: construindo caminhos* – Goiânia: Cãnone Editorial, 2016.

SILVA, José Manuel Teixeira da. *O destino do Eu: ascensão e queda do indivíduo na modernidade*. Lisboa: Instituto PIAGET, 2004.

SILVA, Olívia. Nos Becos de Goiás: poesia, dramas e boninas perfumadas. *Revista Ártemis*. v. 4, jun. 2006.

VELLASCO, Marlene Gomes. *A poética da reminiscência: estudos sobre Cora*

Coralina. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 1990.

Recebido em 01/12/2018. Aceito em 15/02/2019.